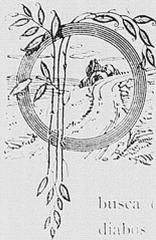


RAPINS e HOPIEM? Artistas de Hoje



KA, os tres patifes matriculados haviam combinado uma trapaca aos dous outros e principalmente ao porta estandarte, que suava em bicas, no cumprimento do dever. A trapaca combinada foi a de dar o fóra, deixando sem conducção os dous coitados e mais o estandarte. Terminada a romaria, voltaram as comissões em busca dos carros. Todos desfilavam e os dous pobres diabos continuavam firmes, á espera do landau. Espera va... O landau... era uma vez... Desesperados, metteram o estandarte dentro do primeiro bagageiro que passou, despachando o para o antigo largo da Carioca, onde permaneceu por muito tempo, até que um funcionario da Escola o foi retirar.



UM GRUPO DE "RAPINS", EM 1907.

Dessa pilheria resultou grande sarilho no primeiro dia de aula, tornando-se novamente os animos bastante azedos.

Enquanto a maioria dos alumnos se degladiava, discutindo sobre o assumpto, a minoria estudava, procurando dar relevo ás obras que poucos mezes mais tarde deveriam apresentar ao Salão do anno.

Um acontecimento notavel teve grande influencia no animo de todos: a visita que os congressistas latino-americanos annunciaram; iriam visitar a Escola dentro de pouco tempo. Foi o bastante para activar a produção: cada qual queria ser o melhor representado; de tudo isso resultaram magnificas impressões para os illustres visitantes; impressões que foram externadas publicamente em entrevistas concedidas á imprensa diaria, não só daqui como tambem das Republicas vizinhas.

No dia em que os congressistas visitaram a Escola, deu-se um facto altamente comico, que teve por protagonista o "rapin" J. Arthur Bevilacqua.

Poucos minutos antes das 8 horas da noite, quando se encerrava a aula de modelo vivo, J. Arthur, sentindo necessidade de ir a certo sitio, foi... e pegou no somno... A's tantas da madrugada, acordando, deu fé que estava trancado na Escola. Apavorado, arranjon meios de sair. Forçou os trincos internos da grande porta que dava para o becco das Bellas Artes e foi sahindo; doeu-lhe, porem, a consciencia de deixar a porta aberta. Voltando sobre os calcanhares, foi communical-o á sentinella. Deu-se um verdadeiro estardalhaço! A guarda do Thesouro fez cerco ao edificio, julgando tratar-se de um provavel assalto de malfeitores. Veiu a policia. Fizeram barulho, atacaram as estatuas impassiveis na eterna immobibilidade, e

ninguém soube como a porta se abriera... O espirito de colleguismo foi mais forte do que a situação. A policia retirou-se, naturalmente julgando que o culpado fóra o Manoel do Gazometro, como se chamava o servente da aula de modelo vivo, e a rapaziada ria a bom rir do estomago de J. Arthur, da sua resistencia, que lhe permitia dormir em um local tão pouco hygienico...

Este foi o ultimo caso que presenciámos na velha Escola.

Os causadores das gaffes e dos disturbios aos poucos foram deixando os cursos, para tratar praticamente da vida, e ali estão, cheios de lembranças de um passado risonho, salpicado de peripecias, que, em vez de trazerem desanimo, daram alento, encorajando-os a seguirem a estrada da Arte gloriosa que hoje praticam nobremente. Estamos certos de que muitos sentirão as saudades que sentimos do tempo da irresponsabilidade escolar, e que, se dado fosse, voltariam a borboletar, a tomar parte nas pilherias que os de hoje naturalmente fazem, alheios a tudo que os cerca, irresponsaveis e irreverentes como todo o rapin que se preza...

Essas recordações do bom tempo da esperança e da inexperiencia consolam, depois, quando a vida já não tem segredos que esconder... E ellas são, talvez na biographia dos artistas, como na historia de todos os homens, os melhores instantes...

Mas, viver não é só recordar... Já recordamos bastante. E o trabalho ali está, que nos chama. Felizes enganos dos dias velhos, adeus. Adeus, illusões amadas, que nunca se realizaram.

Adeus, mocidade!...



O "RAPIN" BEVILACQUA, EM 1906.

ADALBERTO MATTOS.



UMA AULA DO PROFESSOR BAPTISTA, AO AR LIVRE, 1907.